

“A emoção que deságua no corpo”: uma leitura das masculinidades negras no rap de Criolo

Silvana Carvalho da Fonseca^{1*} 

¹ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Brasil.

*Autor de correspondência: silvanacarvalho@ufrb.edu.br

PALAVRAS-CHAVE:

Rap
Masculinidades negras
Criolo

RESUMO

O presente texto tem como objetivo discutir expressões das masculinidades negras a partir da poética do rap na produção do rapper paulista Criolo.

KEYWORDS:

Rap Music
Black masculinities
Ciolo

ABSTRACT

This text aims to discuss expressions of black masculinities from the poetics of rap in the production of São Paulo rapper Criolo.

PALABRAS-CLAVE:

Musica Rap
Masculinidades negras
Ciolo

RESUMEN

Este texto tiene como objetivo discutir expresiones de masculinidades negras a partir de la poética del rap en la producción del rapero paulista Criolo.

SUBMETIDO: 18 de abril de 2023 | **ACEITO:** 19 de abril de 2023 | **PUBLICADO:** 30 de abril de 2023

© ODEERE 2022. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Laroyê bará

Abra o caminho dos passos

Abra o caminho do olhar

Abra caminho tranquilo pra eu passar

Laroyê legbá

Tomba o mal de joelhos

Só levantando o ogó

Dobra a força dos braços que eu vou só

Laroyê eleguá

Guarda ilê, onã, orum

Coba xirê deste funfum

Cuida de mim que eu vou pra te saudar

Que eu vou pra te saudar¹

(CRIOLO, 2014)

Exu constitui-se enquanto princípio dinâmico da existência diferenciada que propulsiona, desenvolve, mobiliza, cresce, transforma e comunica (SODRÉ, 2017, p. 175). Comporta a interação entre masculino e feminino, sendo aquele que carrega em si o sêmen e o útero ancestral. Muniz Sodré, ao analisar o provérbio “Exú matou um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje” (aforismo nagô)”, conta-nos como o Orixá opera um movimento de reversibilidade, produzindo um pensamento capaz de afetar a experiência vivida por meio da abolição das disjunções totais e, inclusive, a linearidade do tempo. O autor segue demonstrando que a disjunção entre masculino/ feminino se relativiza na própria função enunciativa de Exu, que compõe, ao mesmo tempo, os dois gêneros. (SODRÉ, 2017, p. 190).

A enunciação subjetiva de Criolo vai propor outro paradigma de masculinidade heterossexual negra. Nesse fio condutor ancestral que pede a

¹ Fio De Prumo (Padê Onã).

abertura de caminhos ao responsável pelas encruzilhadas que mora nas escolhas, nas tomadas de decisões, a figura de Exu marca essa busca desse homem negro do hip hop brasileiro que se quer reinventar, voltar, rever e seguir pelos “muros de concreto da cidade” na forma “aço, peito, flecha e caminho”.

A periferia, sua produção de cultura, de vida, ao longo da história, vem sendo discutida a partir de complexos aspectos como: condições raciais, de classe social e gênero de pessoas que produzem sua existência a partir de distintas relações com o mundo. Experimentar o espaço da precariedade como uma forma de estar no mundo a partir de um conjunto de múltiplas determinações expressa uma condição periférica, não meramente a partir de um estado de ausência, de distanciamento de um centro urbano, mas do esforço cotidiano, de homens, mulheres, crianças, que disputam a produção de suas vidas frente às políticas sistemáticas de desumanização e morte.

A cidade, a periferia, a falta, são acionadas nas criações de Criolo como um espaço pulsante de produção de emoção. O rapper rompe com o arquétipo do “forte”, “machão negro” e toma para si a importância da sensibilidade como motor principal para a compreensão e respeito a si próprio.

A comunidade negra historicamente vivencia um contexto de luto, violência extrema e barbárie. Mover as palavras se constitui, no interior das culturas negras da diáspora, em um gesto de desvio. Esse gesto glissantiano que “abre a palavra no espaço fechado da violência” (GLISSANT, 1989) só foi e é possível através da existência de uma partilha coletiva que produz contrafluxos de saída. Esse gesto é do enfrentamento, da abertura da palavra que se movimenta nas rotas das travessias atlânticas. Assim, essa poesia da rua, movimento, ação da produção de uma consciência interventiva, crítica, tensiona, expõe e interpela as políticas de morte que experimentamos cotidianamente no Brasil.

Vejamos, a seguir, o trecho de um rap gravado em 2006, no seu primeiro álbum, “Ainda há tempo”:

Não quero ver você triste assim, não
Que a minha música possa te levar amor
Não quero ver você triste assim, não
Que a minha música possa te levar amor
(CRIOLO, 2006)

A capacidade de amar e repelir a tristeza aparecem na enunciação do rapper como força pulsante contra a política da morte. Sua inscrição passa, especialmente, pela vontade de dar amor. À contrapelo da repressão emocional imputada à comunidade negra, o afeto e a capacidade de amar do homem negro são acionados a partir da crítica ao crescimento da intolerância, do ódio e do desamor.

No rap “Sabedoria de Ébano”, a produção de conhecimento e compartilhamento direcionada aos “manos” dá-se a partir da possibilidade de sonhar, de seguir em frente, de planejar um futuro, resistindo aos projetos de interdição imputados à juventude negra, e a chamada através do carinho e da amizade, constituem esse processo.

Da hora hein Criolo,
Firmeza mano.
Rap é bom quando chega a mensagem
Nesse caso a mensagem chegou, morô?
E é isso aí, agora se preocupar com a próxima fase,
o próximo estágio, a próxima rima. Sempre.
Cada vez mais, cada vez melhor. Firmô?
No amanhecer de um novo dia, sonhos
Vários projetos, planos, fim dos dias tristonhos
Afeto a vários manos.
Paz
(CRIOLO, 2006)

Conhecido por ser co-criador da “Rinha dos MC’s,” projeto efetuado em São Paulo que tem como foco o agenciamento do rap e hip-hop, assim como oportunizar novos talentos do hip hop nacional, o rapper da periferia do Grajaú representa uma contribuição importante para o hip hop brasileiro. Formado pela “escola” do grupo Racionais Mc’s, Criolo afirma que Mano Bronw teve grande importância na sua formação enquanto sujeito pensante e rapper. Entretanto, suas contribuições ética e estética para o hip hop brasileiro apresentam uma proposição melódica e temática que revela outra identidade negro-masculina expressa na cultura hip hop.

A construção das identidades negras no contexto das encruzilhadas diaspóricas está permeada pelas contradições que marcam as relações entre cultura ocidental colonizante e as culturas africanas. Os conflitos e ambiguidades

entrelaçam as mais variadas formas narrativas, reconstruindo e reencenando suas identidades. As estruturas sociais nas quais as identidades negras estão inseridas redefinem o processo de devir em que se encontram os sujeitos nesses contextos.

O racismo, princípio regulador do genocídio negro em escalas globais, atualiza “formas de fazer morrer” (MBEMBE, 2017) direcionadas à população negra. Essas políticas perpassam relações de gênero e classe social, reinventando dispositivos opressivos que interditam diversificadamente a cidadania de pessoas negras no mundo. bell hooks, ao fazer a crítica aos modos de representações racistas sobre masculinidades negras e a fixação de uma homogeneidade produzida pela violência do patriarcado supremacista branco, destaca que:

o retrato da masculinidade negra que emerge dessas obras constrói os homens perpetuamente como “fracassados, que são “fodidos” psicologicamente, perigosos, violentos, maníacos sexuais cuja insanidade é influenciada pela incapacidade de realizar seu destino masculino falocêntrico em um contexto racista. (hooks, 2019, p.174)

Complexa e mutável, a prática social do gênero é atravessada por uma concepção de família, sexualidade e a fixação de um padrão acerca de quais sentimentos são apropriados ou não para os homens (CONNELL, 1995). Em entrevista ao programa *Espelho*², exibido no canal Brasil, apresentado pelo ator Lázaro Ramos, Criolo destaca: “As pessoas estão mais frias, incomunicáveis e criminosas, o rap me pegou pelo braço e disse que eu poderia fazer alguma coisa” (CRIOLO, 2014).

A negação do sofrimento profundo para produzir a existência – “[...] não precisa morrer pra ver Deus” (CRIOLO, 2011) – é um alerta para pensar o afeto, a alegria e a potência de produção de vida que moram no corpo da comunidade negra das periferias do Brasil. Na disputa pela vida, as falas em diáspora encontram seu ponto de encontro para revisar/recontar a condição do negro. Encontram-se, nesse viés, embutidos poderes de normatização/regulação da vida operados na ambivalência, pois os dispositivos da violência colonial, reatualizados no pós-colonial, cortam as subjetividades negras. Assim, essas reelaborações, trançadas

² Exibição em 09/07/2013. Programa disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6QlxStCPacw>. Acesso em novembro. 2018.

por interdições, são marcadas por negociações que são condição *sine qua non* da existência negra.

Conforme assinalou bell hooks, em *Vivendo de amor*, o processo de escravização e o estabelecimento de divisões raciais criaram condições muito difíceis para que pessoas negras nutrissem seu “crescimento espiritual”. Disputas sociais e simbólicas operadas dentro das contradições capitalistas resultam, sobretudo, em um conhecimento de si distorcido que se estabelece a partir da exploração desigual e violência racista que atua na destruição contínua, na identidade emancipada do sujeito negro (hooks, 2010).

Criolo apresenta-se enquanto um sujeito que se põe no exercício da reflexão, negando o sofrimento como condição imposta ao negro em sua relação com a cidade, com o mundo. “Não precisa morrer pra ver Deus” constitui um chamado para a produção de existência na cidade que mata e interrompe sonhos e vidas, pela perseguição de um caminho com mais afeto entre as pessoas, pois “Não existe amor em SP”³:

Os bares estão cheios de almas tão vazias
A ganância vibra, a vaidade excita
Devolva minha vida e morra afogada em seu próprio mar de fel
Aqui ninguém vai pro céu
Não precisa morrer pra ver Deus
Não precisa sofrer pra saber o que é melhor pra você
Encontro duas nuvens em cada escombros, em cada esquina
Me dê um gole de vida
Não precisa morrer pra ver Deus

Discutir afetividades negras configura-se como um elemento importante no processo de descolonização do pensamento e produção de humanidade. “O amor cura: Nossa recuperação está no ato e na arte de amar” (hooks, 2010). A autora destaca que

[...] somente assim se poderá perceber o vivido sob um olhar que dê espaço para os sentidos cambiantes de nossas subjetividades em oposição à um modelo de análise posicional que concebe os sujeitos de modo fixo e inflexível, que confunde ideologias de libertação com prescrições morais, usadas para prescrever como os sujeitos devem viver suas vidas (hooks, 2010, s/p).

³ Não existe amor em SP, Álbum *Nó na orelha*, ano 2011.

No rap *Morto Vivo*, a inscrição de novos modos de ver e ouvir o homem negro, fora de essencialismos e enquadramentos coloniais, redimensionam masculinidades negras, reencenando a possibilidade de serem vividas como sujeitos de afetos e emoções positivas que surgem através do apelo para uma volta positiva à vida, escapando ao dilaceramento e abandono cotidianos que a sociedade, com sua escassez de solidariedade, lida com dependentes químicos:

E vai seguindo
No passo do elefantinho
Se estruturar de novo leva tempo, meu amigo
Vai ter que vencer
A força da química
Driblar o preconceito e o respeito da família
Ter de volta
Todo esse carinho
O homem não é nada sem o amor dos seus filhos
Da mãe, do pai
Nossa, até me arre pia
Não vá abrir mão disso tudo na sua vida
[...]
Porque todo mundo erra
E quem não erra que atire a primeira pedra
(CRIOLO, 2006)

A convocação para seguir em frente com a vida, entendendo o fluxo do tempo e precariedade das escolhas impostas, é acionada a partir da chamada pela afetividade, necessidade de amor e relações familiares saudáveis para produzir o rompimento com a dependência química. Esse “morto” que ainda está “vivo” importa e é chamado ao diálogo para integração social, subvertendo o abandono do estado assassino que legitima diversas formas neocoloniais. Ana Flauzina destaca que:

diante da premissa desumanizadora imposta às pessoas escravizadas, as funções de todo o regimento da vida, dentro do privado ou em ambiente público contaminado por seus fundamentos, sempre estiveram associadas à produção da morte, como forma de garantia material e simbólica das relações de subserviência, mesmo quando a base de todo o empreendimento estava relacionada à vida (FLAUZINA, 2006, p. 96)

Lion Man, rap publicado no álbum “Nó na Orelha”, em 2011, é um diálogo com a série exibida em 1989 no Brasil. *Lion Man* é uma produção que apresenta as

aventuras de um samurai que se transformava em um homem leão para enfrentar inimigos monstruosos que produziam riscos de destruição da paz do Japão feudal do século XVI. Criolo, no estilo *Lion Man*, ressignifica no seu rap a ideia da série projetando-se como esse herói que luta violentamente contra a brutalidade racista no Brasil:

Uma mente moderna, porém, mal-acabada
É o ser humano, o egoísmo e uma draga
Pátria amada, o que oferece aos teus filhos sofridos
Dignidade ou jazigos
[...]
Abandonado cão, sozinho na multidão
A solidão no coração de alguém
Paz para os meus irmãos
Seguirem nesse mundão
Criolo no estilo Lion Man.
(CRIOLO, 2011)

A modernidade, configurada como símbolo de desenvolvimento, é colocada em tensão a partir da formação de uma mentalidade forjada no egoísmo e nas disputas instituídas pela racionalidade capitalista. O Estado brasileiro é acionado como local de produção de abandono e negação de cidadania aos brasileiros negros e pobres, oferecendo a morte. A solidão da luta desse “homem leão”, que se traduz numa solidão coletiva, tem como foco a disputa pela paz. Esse é o estilo, a autoidentificação, para esse homem negro.

Uma questão importante para ser sinalizada na trajetória do rapper foi o fato ocorrido em 2016. Na regravação do álbum “Ainda Há Tempo”, Criolo faz uma alteração na letra do rap *Vasilhame*. Em sua primeira versão, ao elaborar uma crítica ao consumo exagerado de álcool pela periferia, o autor narrava um trecho pejorativo às travestis – “Os traveco tão ali/ Ah, alguém vai se iludir”. Criolo vinha retirando esses versos durante os shows e a versão modificada foi a que ganhou registro no disco de 2016. Em entrevista à revista *Época*, o rapper explica a alteração:⁴

Que a construção é o caminho, as ideias, ferramentas e os sonhos nos movem. Entendo que o rap é uma expressão de arte, que engloba de cada

⁴ Entrevista disponível em: <https://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/bruno-astuto/noticia/2016/09/criolo-fala-da-mudanca-em-musica-me-dei-conta-do-real-significado-da-palavra-traveco-e-nunca-mais-cantei.html>. Acesso em outubro 2018.

pessoa um tanto do que ela constrói e desconstrói. Essa criação também recebe esse mesmo movimento da construção do outro [...]. Quando me dei conta do que significava a palavra 'traveco', o real significado, eu nunca mais cantei essa parte da música. Mudei na hora, e isso foi há quatro anos. Agora, com a oportunidade de regravar, não pensei duas vezes. Por falta de consciência dos preconceitos já incrustados socialmente, muitas vezes erramos e isso no meu caso se encontrou no equívoco de apenas repetir algo dito, sem refletir sobre o assunto, ou procurar saber. Enfim, total ignorância minha e corriji meu erro. Cresci com ele e agradeço ao universo que me proporcionou uma segunda chance. Homofobia, transfobia e preconceitos em geral não merecem espaço em uma sociedade. (CRIOLO, 2016).

Masculinidades não são identidades fixas, são construções sociais, políticas que estão em constante mudança. É em virtude da possibilidade desse movimento fluido que é possível escapar às produções estereotipadas e violentas, alterando a noção de si sobre as complexidades que constituem as subjetividades humanas. É na relação com o mundo, na relação crítica com a própria existência que o movimento de mudança acontece.

Lançado no final de 2018, *Etérea* estabelece uma discussão fundamental na sociedade brasileira, acionada por um rapper que se inscreve nas contradições, a contrapelo da masculinidade heteronormativa e homofóbica, que implode na atualidade reacionária e conservadora que atravessa o país:

Uma bala
Quase hétero
Etérea, massa, complexo
De não se entender
Um canalha
Quase hétero
Ignorar amor por complexo
Medo de nele se ver
É necessário quebrar os padrões
É necessário abrir discussões
Alento pra alma, amar sem portões
Amores aceitos sem imposições
Singulares, plural
(CRIOLO, 2018)

Etérea propõe um movimento fluido da existência masculina. Questiona padrões heteronormativos e a relação com o amor e a liberdade de amar, assim como o medo do desejo. A proposição do rap é a de romper com a

heteronormatividade e discutir as diversidades na sociedade a partir do acionamento do hip hop:

Se te dói em ouvir, em mim dói no carnal
Mas se tem um jeito esse meu jeito de amar
Quem lhe dá o direito de vir me calar
Eu sou todo amor, medo e dor, se erradicar
Feito o sol que ilumina a umidade suspensa do ar
(CRIOLO, 2018)

A interdição do corpo pela dor, pela violência, pela homofobia, preconceito e centramento na heteronormatividade são tensionados. O lugar do homem negro, nesse espaço de construção de humanidade, estabelece-se a partir da força do amor e da liberdade de desejo. Há a busca pela liberdade de amar e expressar-se enquanto sujeito masculino que ama e questiona padrões comportamentais de interdição do outro.

Homo, homo, homo
Homo sapiens, errou
Homo, homo, homo
Homo sapiens, errou
(CRIOLO, 2018)

“Homo sapiens, errou” expressa um movimento potente de contestação da dominação de gênero. O rapper nos provoca a retomar o “fio de prumo” citado no início desse texto, o qual retomo agora, em movimento circular, para tensionar a imposição de uma racionalidade eurocêntrica e patriarcal que atravessa a experiência negra. bell hooks chama nossa atenção justamente para pensarmos no quanto os padrões hegemônicos do patriarcado branco ocidental operam como determinações que se reproduzem as comunidades negras: “numa comunidade negra tradicional, quando alguém diz a um rapaz crescido ‘seja homem’, está convocando-o a perseguir uma identidade masculina enraizada no ideal patriarcal.” (hooks,2019, p.172).

O movimento de recomposição da masculinidade negra, tensionada pelo rapper, dá-se, sobretudo, pela relação de reciprocidade, rompendo com hierarquias. Nesse sentido, a poética de Criolo produz um autogerenciamento de representações do homem negro, principalmente pela política de afetos. É na marcação da ausência que a presença do amor destitui a miséria e violência

humanas. A dor, memória fundadora da experiência negro-brasileira aponta o fim que também produz novos começos. Assim, é nesse movimento fluido, de repensar a *práxis*, que se multiplica uma identidade política. Embora produzidas pelas contradições perversas que constituem os contextos ocidentais e colonizados como o Brasil, essa investida produzida dentro das tensões históricas reposicionam, na relação de produção e consumo da cultura negra, outros lugares para o homem negro.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005, São Paulo. 339f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. “Masculinidade hegemônica. Repensando o conceito”. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, jan. /abr. 2013.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. Eunilce Albergaria Rocha; Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. **Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro**. 2006. 145 f. Dissertação (Mestrado em Direito) -Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antônio Machado et alii. **Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos**. Brasília, ANPOCS, 1983. 303p. p.223-44. (Ciências Sociais Hoje, 2.)

GLISSANT, Edouard. **Espaço fechado palavra aberta**. Tradução: Diva Bárbaro Damato. Discurso de abertura do Colóquio The Plantation system colloquium, Universidade do Estado da Luisiânia, 1989.

hooks, bell. “Escolarizando Homens Negros”. **Revista Estudos Feministas**. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/41784/30373>. Acesso em: 05 jan. 2017.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. **Não sou eu uma mulher: Mulheres Negras e Feminismo**. Disponível em: https://plataformaguetto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-umamulher_traduzido.pdf. Acesso em 29 mai. 2016.

hooks, bell. **OLHARES NEGROS: RAÇA E REPRESENTAÇÃO**. Tradução: Stephanie Borge. Edição: Tadeu Breda. Brasil, 2019.

hooks, bell. **Vivendo de Amor**. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/vivendo-deamor>. Acesso em 29 mai. 2016.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Ed.N-1, Brasil, 2018

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro**. Processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PINHO, Osmundo, Qual é a identidade do homem negro? **Democracia Viva**, n.22, junho/julho de 2004.

PINHO, Osmundo. O Efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação. **Cadernos PAGU**, Campinas, 2004.

PINHO, Osmundo. O sacrifício de Orfeu: masculinidades negras no contexto da antinegitude em Salvador. In: CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da (Org.). **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. Lamparina: Salvador, 2018.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**, 2005.

SILVA, S. G. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicologia**. Ciência. v.26, n.1. Brasília, 2006.

SODRÉ, Muniz A. C. **Pensar nagô**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.